



(Re)invenções urbanas com as crianças da comunidade Nova República, Salvador/BA

*Mariana Ribeiro Pardo¹
Ana Clara Oliveira de Araújo²*

EIXO TEMÁTICO: Linguagens e saberes das crianças nas cidades

RESUMO

A presença das crianças na cidade é abordada nesse texto a partir de um processo coletivo, desenvolvido através da articulação entre dois trabalhos finais de graduação da Faculdade de Arquitetura da UFBA, a Associação de Moradores da Nova República e as crianças da comunidade, localizada em Salvador. Considerando a importância da participação da infância no planejamento e produção da cidade, foi realizado um conjunto de oficinas relacionadas com o tema do direito da criança à cidade, elaborando uma leitura compartilhada do território, incorporando ferramentas de Arquitetura e Urbanismo.

Palavras-Chave: crianças, cidade, Nova República, Salvador, participação.

¹ Arquiteta Urbanista (Universidade Federal da Bahia). Membro do Coletivo Escalar, Salvador, Bahia, Brasil.
Contato: ribeiropardo.mariana@gmail.com

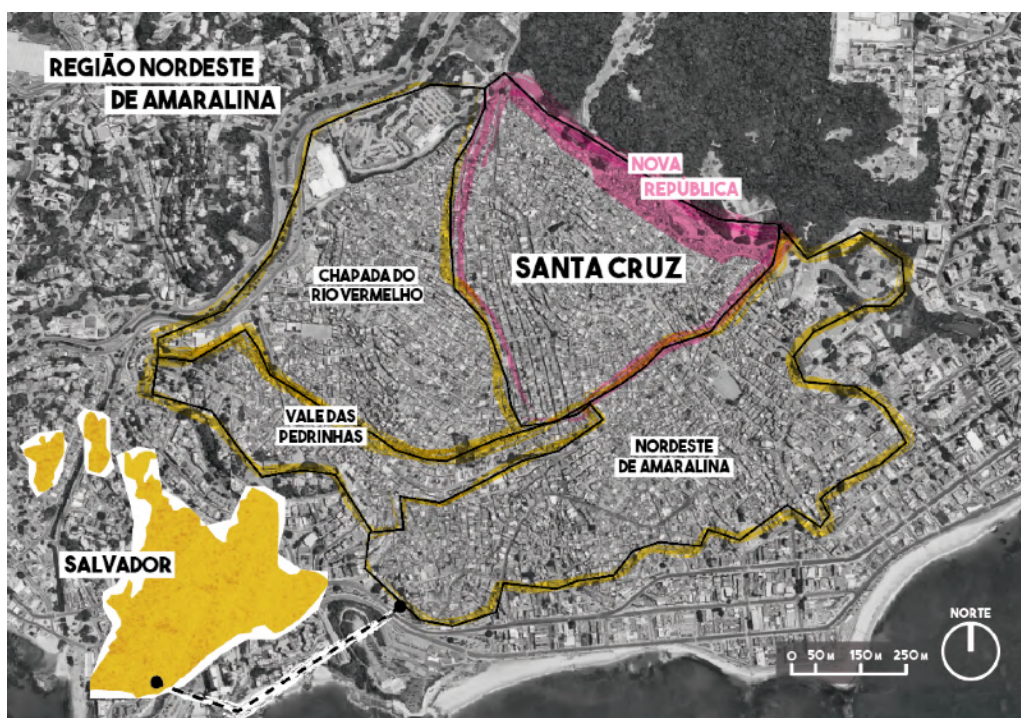
² Arquiteta Urbanista (Universidade Federal da Bahia). Membro do Coletivo Escalar, Salvador, Bahia, Brasil.
Contato: clara.oliveiradearaujo@gmail.com



UMA APROXIMAÇÃO COM EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA NA NOVA REPÚBLICA

As investigações e reflexões abordadas neste texto, são desdobramentos de um processo colaborativo, desenvolvido através da articulação entre dois trabalhos finais de graduação da Faculdade de Arquitetura da UFBA³, a Associação de Moradores da Nova República e um grupo de crianças dessa comunidade⁴, localizada no bairro de Santa Cruz, na Região Nordeste de Amaralina, na cidade de Salvador (Mapa 1). Partindo da defesa da infância enquanto potência política, criativa e transformadora, construiu-se um processo de formação e mobilização em torno do tema do direito da criança à cidade, a partir de um conjunto de oficinas realizadas na Biblioteca Comunitária local, durante o primeiro semestre de 2019. Assim, estabeleceu-se uma interlocução direta com esses atores sociais, visando elaborar uma leitura compartilhada do território, e de explorar - de maneira lúdica e acessível -, alguns debates, materiais e ferramentas que são utilizados em Arquitetura e Urbanismo.

Mapa 1. Localização da comunidade da Nova República.



Fonte: Adaptado de ARAÚJO e PARDO, 2019, p.54-55.

³ Universidade Federal da Bahia.

⁴ Ao longo do texto, o uso do termo comunidade é adotado para se referir à Nova República, por ser a forma como os moradores - e demais atores que transitam por esse espaço - denominam essa localidade.



A Região Nordeste de Amaralina configura-se como um conjunto de bairros populares, que apesar da localização dita privilegiada, próxima à orla atlântica de Salvador, encontra-se no entorno de bairros de elite, experienciando, cotidianamente, pressões do sistema imobiliário, ameaças de expulsão e violações de direitos. É nesse contexto de desigualdades que se insere a infância na região, onde crianças e adolescentes representam cerca de 30% da população local, somando quase 22.000 pessoas entre 0 e 19 anos. (BAHIA, 2016)

Imagem 1. Contexto da populacional infantil na Região Nordeste de Amaralina.



Fonte: ARAÚJO e PARDO, 2019, p.135.

As atividades desenvolvidas na Biblioteca também foram concebidas no sentido de pautar e ampliar a participação infantil em processos, debates e lutas construídas pela Associação de Moradores, permitindo pensar uma agenda de discussão urbana coletiva e democrática para a Nova República, incluindo as experiências, os desejos e as propostas das crianças para a comunidade. Nesse sentido, reafirma-se a ideia de que os direitos das crianças à cidade, não passam apenas pela garantia de direitos básicos - abordados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) -, mas também pela necessidade de serem parte e influência nas decisões que afetam seus cotidianos. Dessa forma, compreende-se que elas, além de usuárias dos espaços urbanos, são agentes de proposição, criação e produção da cidade.

Araújo (2017) pauta a importância de um esforço coletivo para a garantia da participação das crianças nas diferentes instâncias do planejamento e da produção da cidade, apontando que "[...] cada grupo social precisa se debruçar sobre o papel que as crianças podem desempenhar no meio



social para além do que vem sendo feito. A participação das crianças no espaço urbano precisa ser um projeto coletivo para se tornar efetivo." (ARAÚJO, 2017, p.9) Nessa perspectiva, considera-se que a construção de uma agenda política em torno dos direitos desses atores, excede o âmbito de Arquitetura e Urbanismo, sendo imprescindível a mobilização de múltiplos campos e saberes, inferindo a multidisciplinaridade como mais uma dimensão a ser incorporada nesse processo.

Queiroz (2015), em sua experiência e investigação sobre a relação entre infância e produção do espaço em Salvador, defende que o "espírito criativo da criança, em face da cidade, questiona justamente o ordenamento urbano proposto pelos urbanistas" (QUEIROZ, 2015, p. 43), e ainda acrescenta:

É a partir da vivência, numa aproximação com outras disciplinas fora do campo do urbanismo, que o profissional arquiteto pode construir para si um pensamento, a partir do embate com a cidade real. Com efeito, pôr em crise as poucas certezas alcançadas na academia, permite que se abra a mente às possibilidades antes inexploradas, permitindo a ele reinventar tudo: a ideia que se tem de cidade, a definição que se tem de arte e arquitetura, o lugar que se ocupa neste mundo. Ocorre a libertação de convicções postíças e começa-se a recordar que o espaço é uma fantástica invenção com a qual se pode brincar, como as crianças. (QUEIROZ, 2015, p. 47)

Refletir sobre algumas dimensões da participação infantil nos processos de planejamento e construção da cidade, foi fundamental para pensar as oficinas desenvolvidas na Biblioteca Comunitária. Assim, as capacidades imaginativas e criativas da infância foram compreendidas enquanto ferramentas potentes para o debate, a proposição e a produção do território na Nova República, apontando possibilidades de enfrentamento de conflitos e problemáticas urbanas, através de dimensões como a liberdade, a experimentação e a construção coletiva.

OFICINAS ESCALARES: PENSAR E EXPERIMENTAR AS ESCALAS DO OBJETO, DO ESPAÇO E DA CIDADE

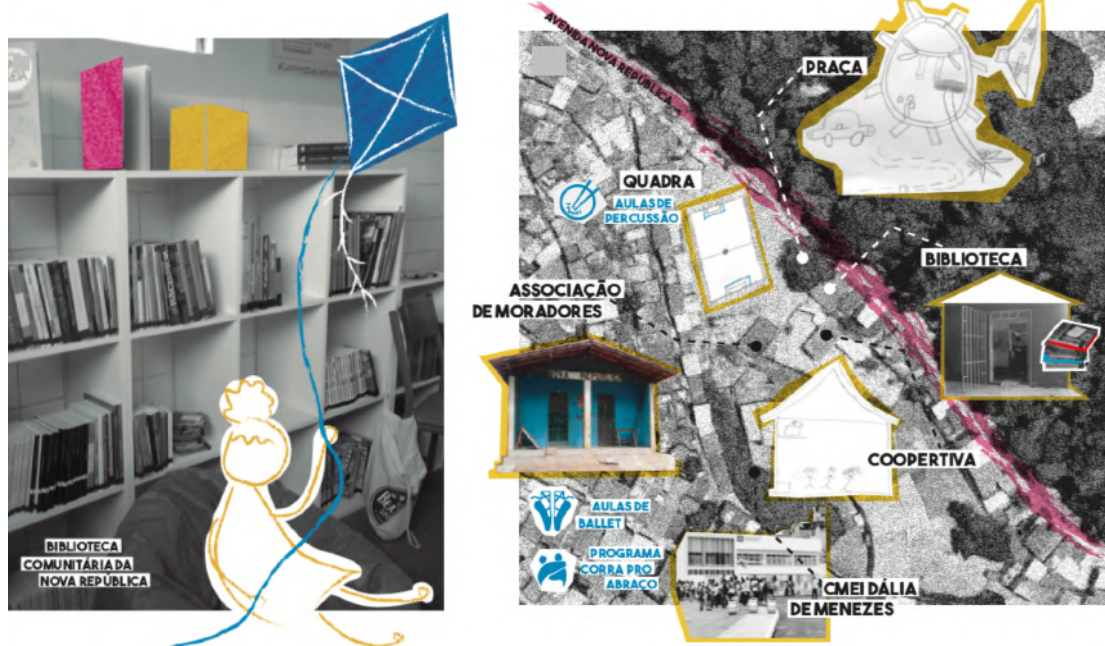
As Oficinas Escalares, propostas junto à Associação de Moradores da Nova República, aconteceram na Biblioteca Comunitária local. Este espaço foi contemplado pelo projeto Cantos de Leitura⁵, que viabilizou os materiais disponíveis, como livros, jogos, fantasias e brinquedos (Imagem 2). A gestão e continuidade da biblioteca é garantida pela ação de moradores e parceiros, como é o caso do

⁵ O Projeto Cantos de Leitura é promovido pela Rede Educare e, em parceria com a Associação de Moradores e a Cooperativa Canore, viabilizou a construção da Biblioteca Comunitária da Nova República. Mais informações sobre o projeto estão disponíveis através do site: www.cantosdeleitura.com.



processo aqui abordado, permitindo a abertura do espaço durante dois turnos na semana. Inicialmente, propôs-se uma aproximação com as crianças que habitam o entorno (Imagem 3), assim como a mobilização dos moradores para divulgação das atividades, resultando na presença de cerca de 20 participantes por atividade.

Imagens 2 e 3. Espaço interno e localização da biblioteca, respectivamente.



Fonte: ARAÚJO e PARDO, 2019, p.134 e p.139, respectivamente.

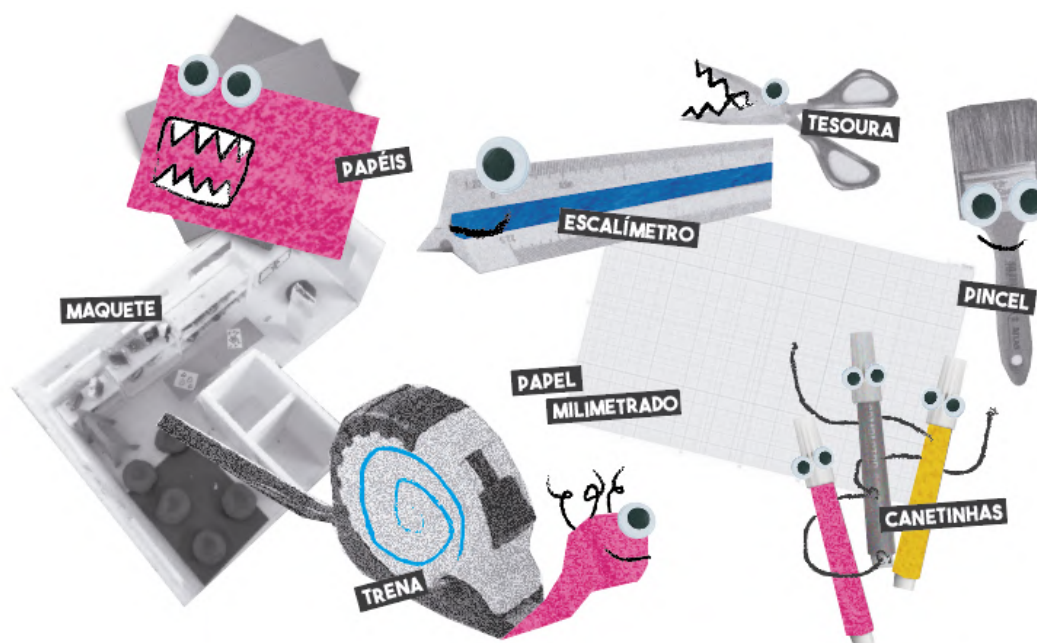
De modo geral, as Oficinas Escalares pretenderam mobilizar compreensões, experimentações e elaborações coletivas acerca da cidade, tendo como contexto territorial a Nova República. Todo o processo foi construído através de uma abordagem ancorada na chave do sonho e da imaginação, possibilitando outras formas de apreensão deste território, que é quase sempre lido apenas através da urgência, da violência e do precário, acreditando que transversalizar sonho, memória e beleza é um exercício potente para mobilizar novas perspectivas para esses espaços. Nesse sentido, é importante colocar que não se tratou de ignorar os conflitos e demandas existentes, mas sim de incorporar os imaginários e as fabulações das crianças sobre o espaço-cidade.

As Oficinas Escalares estruturaram-se através de 3 escalas de compreensão: o objeto, o espaço e a cidade. A escala do espaço partiu do próprio edifício da biblioteca, usando-o para apre(ender e experimentar ferramentas de Arquitetura e Urbanismo, enquanto a escala da cidade buscou conectar as vivências e experiências urbanas das crianças, para debater sobre os processos de planejamento e



produção da cidade. A escala do objeto, por sua vez, atravessou as atividades desenvolvidas nas duas anteriores, sendo interpretada nos instrumentos utilizados durante o processo. Assim, mapas, maquetes, escalímetros e papéis em branco se transformaram em "materiais cidáticos" (Imagem 4), ou seja, materiais que contribuíram na compreensão da cidade, com uma linguagem didática e acessível à infância.

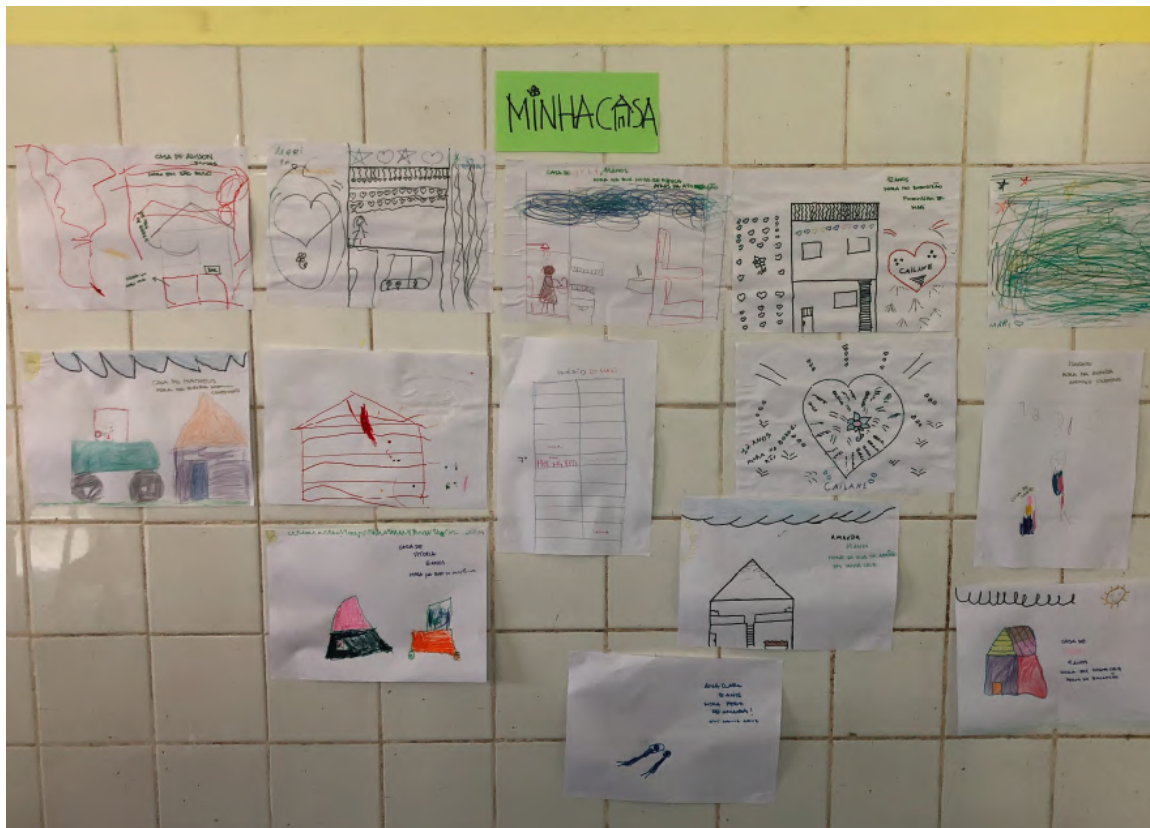
Imagem 4. Materiais "cidáticos" utilizados durante as oficinas.



Fonte: Adaptado de ARAÚJO e PARDO, 2019.

Metodologicamente, a interlocução direta com as crianças e a tentativa de gerir os processos de maneira compartilhada, apontou para a importância do caráter processual na construção das oficinas, que permitiu adaptações constantes e novas propostas ajustadas às demandas e reivindicações delas. Além disso, as oficinas foram compreendidas de maneira prolongada e não estática, é dizer, as atividades não se finalizavam em um único ciclo, todas as produções eram expostas nas paredes (Imagem 5), recebendo continuamente interferências e novas abordagens.

Imagem 5. Disposição dos materiais das oficinas nas paredes de biblioteca.



Fonte: ARAÚJO e PARDO, 2019, p.196-197.

As seis primeiras oficinas (Imagem 6), voltadas para escala do espaço, se desenvolveram a partir do edifício da biblioteca e compreenderam os seguintes temas: 1. Cadastro coletivo do espaço; 2. Oficina de maquete; 3. Repensando os espaços da biblioteca; 4. Um nome para biblioteca; 5. Oficina de lambe-lambe; e 6. Mini-mutirão. A sequência dessas atividades permitiu construir todo um processo projetual com as crianças, explorando ferramentas e noções que são comumente usadas pela Arquitetura e Urbanismo. Disparado pela necessidade de adaptação da biblioteca - que apresentava problemas de mofo e infraestrutura -, pretendeu-se a sua transformação em um espaço sonhado, imaginado e produzido pelas crianças, que auxiliaram na identificação dos problemas e na construção e efetivação das resoluções possíveis.

Imagem 6. Oficinas da escala do espaço.



Fonte: Adaptado de ARAÚJO e PARDO, 2019.

As oficinas relativas à escala da cidade, contaram as seguintes atividades: 7. Minha casa; 8. Minha rua; 9. Nossa praça; 10. Cartografando o cotidiano; 11. Cartografando os desejos; e 12. Sonhando uma Nova República. Os temas propostos permitiram que as crianças percorressem um caminho de apreensão e identificação das dinâmicas e dos espaços que compõem a comunidade em que elas vivem, mobilizando discussões acerca de suas experiências e vivências urbanas e entendendo as suas demandas e desejos de mudança. As oficinas utilizaram materiais e instrumentos lúdicos e



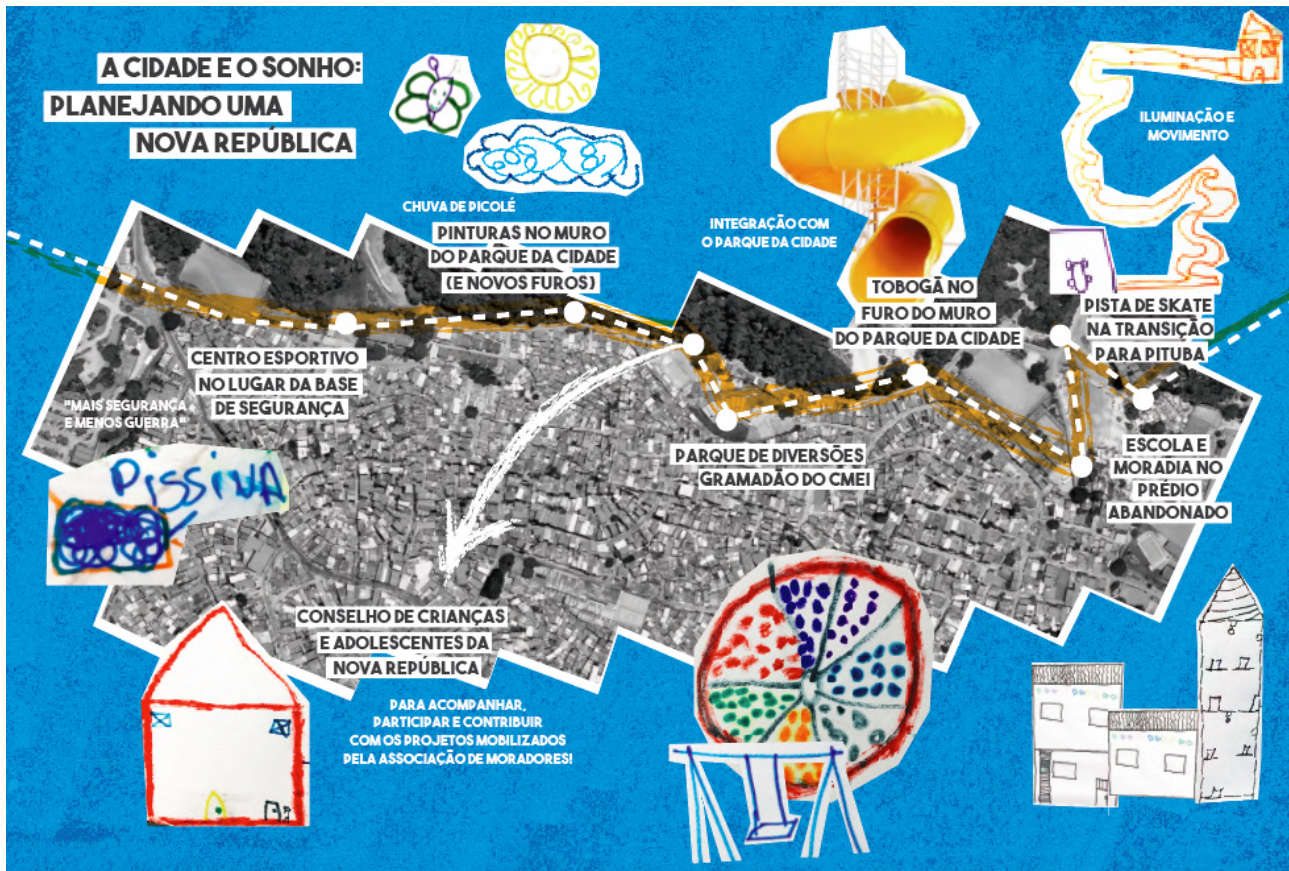
acessíveis à infância, assim, os mapas foram explorados com adesivos, as plantas e visões planificadas ganharam tridimensionalidade e os modos de pensar e conceber os espaços urbanos foram adaptados. Ao final desse processo, alcançou-se coletivamente um plano piloto para a Nova República, com as demandas e diretrizes apontadas pelas crianças (Imagem 8).

Imagem 7. Oficinas da escala da cidade.



Fonte: Adaptado de ARAÚJO e PARDO, 2019.

Imagem 8. Plano com propostas para a Nova República, desenvolvido em parceria com as crianças.



Fonte: ARAÚJO e PARDO, 2019, p.220-221.

(INQUIET)AÇÕES CONTÍNUAS

O processo de aproximação com as crianças da Nova República, a partir das oficinas propostas no âmbito dos trabalhos finais de graduação, possibilitaram a construção de uma leitura coletiva sobre esse território, a partir de vivências, demandas e ideias desses atores. Os relatos apresentados nessas atividades, revelaram que a precariedade é uma questão que atravessa o cotidiano da população infantil, incidindo sobre problemáticas como a utilização de espaços públicos e as condições do sistema educacional. Essas falas eram reforçadas pelas lideranças comunitárias, que apontavam uma preocupação com a inserção desses jovens na comunidade e na cidade, transitando entre conflitos, violências e medos.

Galeano (1998) compreende o contexto das crianças de classes populares na América Latina como um cenário complexo, enfatizando a necessidade de um olhar crítico para essa população, que é constantemente afetada por um sistema de desigualdades.

Na América Latina, as crianças e os adolescentes somam quase a metade da população total. A metade dessa metade vive na miséria. Sobreviventes: na



América Latina morrem cem crianças, cada hora, por fome ou doença curável, mas há cada vez mais crianças pobres nas ruas e nos campos dessa região que fabrica pobres e proíbe a pobreza. Crianças são, em sua maioria, os pobres; e pobres são, em sua maioria, as crianças. E entre todos os reféns do sistema, eles são os que pior passam. A sociedade os aperta, os vigia, os castiga, às vezes os mata: quase nunca os escuta, jamais os compreende. (GALEANO, 1998, p.12, tradução nossa)

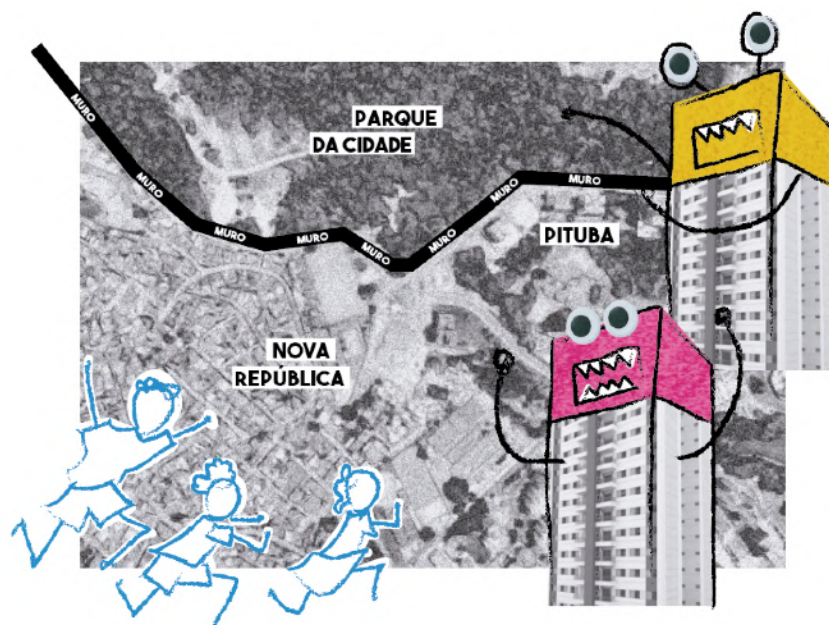
A dimensão da violência, apontada por Galeano, foi retratada de diferentes maneiras pelas crianças, utilizando, em uma delas, fantasias disponíveis na Biblioteca para encenar "O Fantástico Mundo da Nova República"⁶, trazendo, de início, a necessidade de dividir as personagens entre o "bem" e o "mau". Essa divisão representava situações vivenciadas cotidianamente por elas, nas abordagens policiais e na presença do tráfico de drogas, aparecendo na peça gestos de armas com a mão, além da discussão sobre como enquadrar esses agentes nas categorias (bem e mau) definidas por elas, sem que se chegasse a um consenso.

Em outro momento, durante uma das atividades de cartografia, as crianças apontaram a transição entre a Nova República e a Pituba⁷, como um território de medo, onde as casas viram edifícios enormes; as janelas e as portas de frente para a rua são substituídas por grandes muros de cerca elétrica; e a sociabilidade e o convívio com os quais estão acostumadas são alterados pela hostilidade (Imagem 9). Ressalta-se também, que esse espaço de transição recebe a presença periódica de policiamento, controlando e vigiando quem está entre esses locais.

Imagem 9. Colagem acerca da relação entre a Nova República e a Pituba.

⁶ Esse tema/título foi atribuído por nós à peça proposta pelas crianças, a partir de um pedido delas para que pensássemos em uma temática para elas encenarem.

⁷ Um dos bairros de elite no entorno da comunidade.



Fonte: ARAÚJO e PARDO, 2019, p.141.

Esse monitoramento é apontado também no planejamento territorial da Nova República, com a localização da Base Comunitária de Segurança de Santa Cruz entre duas escolas do bairro, controlando a circulação das crianças, assim como na Praça da comunidade, com a realocação de mobiliários para evitar que estes estivessem em uma "rota estratégica" para as incursões policiais. Essa realidade contrasta com o entendimento de que crianças de bairros populares transitam livremente por esses espaços, reiterando que existem questões relacionadas à segurança que estão refletidas em limites para essas presenças nas ruas.

Britto (2016), a partir de suas vivências junto às crianças em bairros populares de Salvador, comenta que

A imagem de que as crianças circulam livremente pelas ruas dos bairros populares foi desfeita ou, pelo menos, reconsiderada sob outra ótica: existiam níveis de liberdade que conduziam as crianças nesse contato com os espaços públicos, sempre relativos, a depender do contexto de cada criança (BRITTO, 2016, p. 12).

Assim, essa experiência possibilitou verificar que em contextos onde o direito da criança à cidade é constantemente violado, uma aposta potente está no estabelecimento de pontes e interlocuções com os atores sociais da infância, que apontem para vivência e produção da cidade por uma perspectiva coletiva e democrática.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Clara Oliveira de; PARDO, Mariana Ribeiro. **Arquitetura da Ponte**: construções partilhadas com a comunidade da Nova República. 2019. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ARAÚJO, Ana Lúcia Castilhano de. Algumas reflexões sobre o direito da criança à cidade e participação em espaços públicos. In: urbBA[17], 7., 2017, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: https://79b97854-90c5-4854-b8a3-f83d797a47fd.filesusr.com/ugd/44c1bf_2db5d08a87644c09866d7f106d3682f8.pdf. Acesso em: 30 out. 2019.

BAHIA. Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. **Painel de informações**: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro/- Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia (INFORMS - Organizador). 5ed. CONDER/INFORMS: Salvador, 2016.

BRITTO, Mel Travassos. **Entre espaços e estados de liberdade**: uma leitura da prática espacial de crianças moradoras do centro da cidade de Salvador. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

GALEANO, Eduardo. **Patatas arriba**: la escuela del mundo al revés. Montevideo: Siglo XXI, 1998.

QUEIROZ, Igor Gonçalves. **Labirinto, brinquedo e brincadeira**: o uso da cidade pela criança como crítica ao ideário moderno. 2015. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.